

Dauster explica tese a banqueiro

Manoel Francisco Brito

Correspondente

NOVA IORQUE — Depois de 10 horas de negociação, interrompidas apenas para o almoço, o negociador-chefe da dívida brasileira, embaixador Jório Dauster, saiu do prédio onde estava reunido com os banqueiros com ar cansado, mas certo de que, por meio de sofisticadíssima peça de engenharia financeira, conseguiu manter a coerência da posição do governo Collor e reforçar a tese de que o país não vai ultrapassar seus limites no pagamento do débito com os credores privados.

Na reunião de ontem, a delegação brasileira falou praticamente o tempo todo, começando com uma exposição do diretor da área externa do Banco Central, Antônio Kandir, sobre o plano econômico que está sendo implementado no Brasil, e terminando pela apresentação da proposta. Os banqueiros fizeram apenas perguntas ao final. "Aliás muitas, a maioria de cunho técnico", afirmou Dauster. Sobre a reação de seus interlocutores, ele foi sucinto.

"Eles têm ainda que absorver este conceito de subordinar a reestruturação da dívida a nossa necessidade de pagamento", disse. "Estaremos amanhã (hoje) à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas." Jório não acha que vai haver nova reunião hoje, pelo menos ela não está agendada. Os banqueiros, em princípio, estarão encontrando-se para discutir entre si a proposta brasileira.

"Não é fácil para quem se acostumou a exigir superávits fiscais e comerciais para o pagamento da dívida aceitar de uma hora para outra propostas que subordinem tanto o desembolso como a renegociação da dívida a um programa de governo", afirmou Dauster. O presidente do comitê dos bancos, William Rhodes, pareceu concordar com esta avaliação. À saída, perseguido pela imprensa brasileira, Rhodes, sobre a proposta, disse pouco: "Foi apenas o primeiro dia. Precisamos pensar."

A entrevista de Dauster foi a única coisa mais excitante que aconteceu à pequena *tribo* de jornalistas brasileiros que *acampou* em frente a um dos prédios do complexo do Citibank em Nova Iorque para cobrir o segundo dia de negociações da dívida. No mais, eles se dedicaram apenas a explicar aos curiosos que não resistiam à presença das câmeras de TV o que se passava dentro do prédio.

Ao ouvir que se tratava da dívida do Brasil, os transeuntes em geral davam de ombros e seguiam seu caminho. A exceção foi um homem gordo, de meia-idade, que ao ouvir a resposta caiu na gargalhada. "Que engraçado", disse ele apontando para o prédio onde Dauster conversava com os banqueiros. "Quem estava aí na semana passada renegociando sua dívida era o Donald Trump. Deve ser uma epidemia."